

Formação em Psicanálise – Formação do analista*

Psychoanalysis training – Psychoanalyst training

Armando Colognese

Resumo:

Este trabalho trata da formação do psicanalista. O cuidado com sua preparação tanto no nível teórico como no clínico, mas, principalmente, no pessoal.

Palavras-chave:

Formação; psicanálise.

Abstract:

This work is about psychoanalysis formation. It's included your personal preparation care, in both aspect : theoretical level and clinical level. Within focus in Personal aspect.

Keywords:

Training; psychoanalysis.

* Este trabalho foi inspirado na *Masterclass*, proferida no Instituto Deep – Projeto *Diálogos abertos: de dezembro a dezembro – luz na escuridão*, em 29 de janeiro de 2022.

A formação em Psicanálise sempre foi um tema discutido, desde os primórdios da Psicanálise e pelo próprio Freud. Vários foram e são os incentivos para que essa questão esteja sempre presente nos grupos de psicanalistas.

De início, Freud formou o grupo inicial de psicanalistas, orientando-os. Depois, aconselhou os médicos e iniciantes da prática da Psicanálise. Ainda teve a oportunidade de defender a prática da Psicanálise por leigos – termo usado por ele, para a definição da época, daqueles que não eram formados em Medicina.

Hoje em dia, temos nos deparado com a mesma questão vinda de outra forma, ou seja, regulamentar a Psicanálise, torná-la uma profissão. Desde sempre algumas questões básicas sobre “ser psicanalista” se mantêm: o fato de não ser uma especialidade da Medicina nem da Psicologia; também não é ciência (no rigor do conceito); muito menos, religião, misticismo ou coisa que o valha. E o que é? É Psicanálise. É investigação dos processos mentais. É tornar consciente as ideias inconscientes. É substituir os atos mentais inconscientes por atos mentais conscientes.

Desde Freud e defendido por ele mesmo, vemos que a formação de um psicanalista passa pelo tripé contínuo: fazer análise – ter análise pessoal; estudar a teoria psicanalítica, como também a teoria da técnica psicanalítica; supervisionar-se, ou seja, ter acompanhamento e análise do próprio trabalho como psicanalista. Trata-se de uma compreensão simples e óbvia para quem já fez Psicanálise e se tornou psicanalista.

Vamos observar que nos textos de Freud essas questões estão postuladas desde sempre e com a mesma coerência. Texto sobre a Psicanálise e o método psicanalítico, de 1913. Textos sobre a técnica psicanalítica, de 1911 a 1914. *A questão da análise leiga*, de 1926 e o pós-escrito, de 1927, *O futuro de uma ilusão*, também de 1927 e, ainda, *O mal-estar na civilização*, 1930. Apenas para citar o que, penso eu, são os mais importantes sobre a questão.

O pós-escrito foi para ratificar a posição de defesa do Dr. Theodor Reik, que depois de ter sido denunciado como charlatão, teve as acusações retiradas por falta de provas sustentáveis. Freud afirma que charlatão não é o profissional que não tem o diploma de médico e exerce a função de psicanalista, e sim aquele que não se qualificou para ser psicanalista.

Quero recomendar aqui os livros, em dois volumes, elaborados pelo grupo Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, que tanto me orgulho de ter participado da primeira reunião informal, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, em junho de 2000, além de ter sido participante quando da fundação e oficialização do grupo.

Quero lembrar também do esforço de Freud para manter a Psicanálise como um ofício e não profissão, e de sua luta para manter os conceitos e preceitos que mantêm a Psicanálise até hoje possível do exercício de psicanalisar.

Resistiu a ruptura com Adler, 1912; Jung, 1913 e as várias controvérsias, por exemplo, com Reich. E ainda que seja o próprio fundador da Psicanálise, em 1930, no texto *O mal-estar na civilização*, Freud cita que há três tarefas impossíveis de se realizar até o fim: educar; governar e psicanalisar. Claro, para falar o mínimo, o inconsciente é inesgotável!

Você não se tornará um psicanalista porque quis (não se trata de realização de desejo); ou leu Freud, mesmo que alguém o tenha ajudado a ler a obra completa de Freud (não se trata de cultura literária ou coletânea de informação). Seu desejo, associado à(s) sua(s) aptidão(ões), esforços pessoais e seguir o caminho continuado de contemplar o tripé o colocará no rumo da formação, mas ainda não basta!

Muitos esforços pessoais, muitas elaborações sobre seus limites e controle dos seus desejos deverão acontecer. Uma mente aberta que aceita o não saber, o não conhecer de modo inesgotável. A suportabilidade frequente dos momentos em que será desafiado a dar respostas e a prometer “a cura”.

Não buscamos dados palpáveis e concretos com pesquisas. Não buscamos crenças, certezas, que classificam situações como certas ou erradas. Não formamos grupos religiosos ou partidários.

O psiquismo é substantivado pela legitimidade de seu desejo. Por isso, a Psicanálise não pode ser adjetivada, ela não tem dono. Dialeticamente, toda crença implica em não acreditar em outra coisa.

Freud admitiu que havia mais que um córtex cerebral dentro da cabeça. E mesmo que pensadores, filósofos e poetas intuíssem, anteriormente a Freud, a existência do inconsciente, Freud não o fez acreditando numa face oculta da consciência, ou um modo romântico da alma (“coração”). As descobertas que o pai da Psicanálise fez, foram com base em um trabalho de observação, formulação, estudo revolucionário com muita precisão na sua formulação, proveniente da elaboração de uma prática clínica original. Levar o sujeito a perceber-se como sujeito; o específico da condição humana que desvenda, revela nossa condição como sujeitos, presos a impulsos e sobre-determinações.

A partir do momento em que o inconsciente foi formulado como a Psicanálise o fez (século XIX), acaba-se por impor uma mudança radical na concepção que o homem pode fazer sobre si mesmo. Jean Paul Sartre no prólogo do filme *Freud além da alma*, escreveu, parafraseando o mestre:

O ser humano sofreu três grandes abalos no seu narcisismo (amor-próprio). Primeiro com Copérnico, quando ele demonstrou que a Terra não era o centro do Universo, diminuindo a importância do planeta em

que vivemos; segundo foi Darwin, quando demonstrou que somos parentes descendentes de seres inferiores e terceiro Freud, com o advento do inconsciente.

Em nossa busca por oferecer espaço mental que contribua para que o analisando encontre meios de transformar atos inconscientes em manifestações conscientes, temos ainda que lidar em não nos afastarmos da teoria e da técnica. Manter sustentáveis os três pilares que constituem a Psicanálise: o inconsciente; as pulsões; a transferência (a relação de objeto, muito embora busquemos espaço para a percepção do objeto da relação). Sem nos esquecermos de manter vivo e próximo os conceitos a serem considerados sempre: o topográfico, o dinâmico e o econômico. Nada disso se aprende na escola, apenas lendo.

Simbolicamente, metaforicamente, ninguém se torna cirurgião teórico (apenas teoricamente). Não há regulamentação possível que torne teórica a prática psicanalítica ou que nos engesse em nossa liberdade e individualidade. Um dos precursores da Psicanálise no Brasil, Dr. Durval Marcondes, numa entrevista nos contou – reproduzo parte dela a seguir.

Pergunta. A peculiaridade de São Paulo aceitar candidatos não médicos para formação tem algo a ver com este primeiro núcleo de trabalho na Higiene Mental?

Resposta. Eu acho que tem, mas não só. Em primeiro lugar, a causa disto é que Freud pensava assim. E eu queria seguir Freud o quanto se podia. Nos Estados Unidos, é que se criou esta história de Psicanálise ser privativa dos médicos. Foi uma atitude política dos americanos. É que a Associação Médica Americana tem grande força política e os psicanalistas resolveram se escudar nesta instituição. Nos Estados Unidos, isto não faz muito mal, porque aqueles psicólogos que não pertencem à Associação Psicanalítica Americana são, em geral, respeitados, fazem análise com analistas da Associação e até publicam trabalhos em revistas de renome, sendo citados frequentemente pelos analistas médicos.

Eu achei que aqui, deveríamos incluir psicólogos também, pois, no cenário internacional, os psicanalistas não médicos não fizeram nenhum mal à psicanálise. Basta mencionar dois nomes famosos, como Melanie Klein e Anna Freud. Aliás, Freud no seu trabalho sobre análise leiga faz algumas piadas, como dizer que, para o psicanalista não há nenhuma vantagem em conhecer a anatomia

dos ossos do tarso. Eu não estou muito de acordo com ele nisto, pois a anatomia dos ossos do tarso nos diz alguma coisa a respeito do organismo humano. Mas, também, não sejamos tão radicais.

Eu nunca entendi porque só os médicos é que poderiam ser psicanalistas. Em São Paulo, os médicos, com raras exceções, não aceitavam a Psicanálise. Os psicólogos, que ainda não eram bem psicólogos, porque naquele momento se estava apenas criando essa nova profissão entre nós, a aceitavam. No ambiente da Seção de Higiene Mental Escolar, que eu havia fundado, foi se formando um centro espontâneo de discussão de temas psicanalíticos, onde os psicólogos tinham grande presença. Mas, a inclusão dos psicólogos no movimento psicanalítico de São Paulo não teve apenas essa causa. Valeu, sobretudo, minha decisão inabalável de que não nos devíamos curvar, neste ponto, à orientação de nossos amigos americanos. Não éramos colônia deles.

A situação do Rio de Janeiro tem sido um tanto perigosa, porque, ao rejeitar gente de capacidade que tanto pode aderir a outros movimentos, como ir ao estrangeiro para ter sua formação analítica, criar-se-ia, a meu ver, uma situação que acarretaria a perda do controle do movimento psicanalítico no Brasil.¹

(Entrevista com Dr. Durval Marcondes sob o Título *Trajectoria Modernista*. Texto final de Raquel Nelken e Luiz Carlos U. Junqueira Filho)

Por ser Psicanálise um estudo da mente e atitudes do humano, psicanalisar é um ofício e não uma profissão.

1 Revista ID, ano 4, n.6.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1911). O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1912). A dinâmica da transferência. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913). O método psicanalítico. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915). Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1919). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.17, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926). A questão da análise leiga. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.20, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. Pós escrito sobre a absolvição (retirada das acusações) de Theodor Reik. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.20, Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARCONDES, D. Trajetória Modernista. Entrevista. Org.: Raquel Nelken e Luiz Carlos U. Junqueira Filho. *Revista ID*. ano 4, n.6, 1978.

PERES, U.T. *A Formação do Psicanalista*. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/textos/perez_uranio_tourinho-formacao_do_psicanalista.shtml. Acesso em: 15 de agosto de 2022.